

EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE GLOBALIZADA – IMPACTOS NA GESTÃO E NA MATRIZ CURRICULAR

Data de aceite: 10/03/2023

Data de submissão: xx/xx/2022

Adelcio Machado dos Santos

Doutor em Engenharia e Gestão do Conhecimento pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pós-Doutor em Gestão do Conhecimento pela UFSC.

Mestre em Relações Internacionais.

Docente, pesquisador e orientador nos Programas de Pós-Graduação “*Stricto Sensu*” em Desenvolvimento e Sociedade e em Educação da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (Uniarp). Concórdia, Santa Catarina, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0003-3916-972X>

Marcos Leandro Fávero dos Santos

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Sociedade da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (Uniarp). Concórdia, Santa Catarina, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0003-4473-9133>

Daniel Tenconi

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Sociedade da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (Uniarp). Concórdia, Santa Catarina, Brasil.

E-mail: daniel.tenconi@sesisc.org.br

um mundo globalizado, caracterizado por grandes mudanças. Destarte, a busca do conhecimento, bem como seu ensino, tem sido costumeiramente dissociada de suas aplicações. Ambos foram organizados por temas, ou seja, segundo o que parecia ser a lógica do próprio conhecimento. As faculdades e os departamentos das universidades, títulos acadêmicos, especializações, juntamente com toda a organização do ensino superior, têm se concentrado nos temas. Até o século XIX, havia um contato ínfimo entre o conhecimento e a ação. O conhecimento atendia ao “intelecto”, enquanto a ação fundamentava-se em experiência e nas habilidades dela resultantes. Até a segunda metade do século XIX, toda a tecnologia estava separada da ciência e era adquirida através do aprendizado prático. Nos dias atuais, o conhecimento e sua busca estão, cada vez mais, sendo organizados em torno de áreas de aplicação e não ao redor das áreas que são objetos das disciplinas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Globalização. Impactos.

RESUMO: A gestão educacional exerce um papel fundamental dentro das escolas, em

EDUCATION IN THE GLOBALIZED SOCIETY - IMPACTS ON MANAGEMENT AND CURRICULUM

ABSTRACT: Educational management plays a fundamental role within schools, in a globalized world, characterized by major changes. Thus, the search for knowledge, as well as its teaching, has usually been dissociated from its applications. Both were organized by themes, that is, according to what seemed to be the logic of knowledge itself. Colleges and university departments, academic degrees, specializations, along with the entire higher education organization, have focused on the themes. Until the 19th century, there was a minimal contact between knowledge and action. Knowledge served the “intellect”, while the action was based on experience and the resulting skills. Until the second half of the 19th century, all technology was separated from science and was acquired through practical learning. Nowadays, knowledge and its search are, more and more, being organized around areas of application and not around areas that are objects of the disciplines.

KEYWORDS: Education. Globalization. Impacts.

INTRODUÇÃO

Para Drucker (2001), as áreas do conhecimento estão em constante mudança. As faculdades, departamentos e disciplinas existentes, não estarão mais adequados por muito tempo.

Destarte, a guisa de exemplo, as linhas que antes que separavam a fisiologia e a psicologia, estão cada vez menos significativas, bem como as existentes entre economia e governo, sociologia e ciências comportamentais, e assim por diante. A globalização tem influenciado à educação em torno da autonomia e flexibilidade dos currículos escolares. (SILVA; FRAGA, 2021).

De acordo com Drucker (2001), o trabalho interdisciplinar tem crescido rapidamente, em todos os lugares nos últimos tempos, mobilizando cada vez mais as energias das universidades e definindo sua direção.

Conforme Drucker (2001, p.532)

Esse é um sintoma da mudança no significado do conhecimento, passando de um fim em si mesmo para um recurso, isto é, um meio de atingir determinado resultado. O que antes era conhecimento está se transformando em informação. O que era tecnologia está se tornando conhecimento. O conhecimento, como a energia central da sociedade moderna, existe em conjunto com sua aplicação e quando é submetido ao trabalho. O trabalho, contudo, não pode ser definido em termos de disciplinas. Os resultados finais são, necessariamente, interdisciplinares.

Na sociedade do conhecimento, a escola passa a ser, acima de tudo, responsável por desempenhos e resultados. Para tanto lhe são atribuídas novas especificações, procurando novas formas de reconhecimento do espaço físico, organização do projeto

político pedagógico (PPP), regular as práticas de ensino transformadoras, avaliação do conhecimento produzido e gestão participativa. (DOURADO; SIQUEIRA, 2019).

A escola deve proporcionar instrução universal de alto nível, muito além do que significa “instrução” hoje. Ela deve impregnar os alunos de todos os níveis e de todas as idades de motivação para aprender e de disciplina para o aprendizado contínuo. (DRUCKER, 2001).

Ademais disso, a escola necessita ser um sistema aberto, acessível às pessoas de elevado grau de instrução e às pessoas que, por qualquer motivo, não tiveram acesso à instrução avançada quando jovens, devendo proporcionar o conhecimento sob a forma de conteúdo e processo. (SANTOS, 2012).

Finalmente, no entendimento de Drucker (2001), as escolas não podem mais monopolizar o ensino. A educação na sociedade pós-capitalista deve permear toda a sociedade. Organizações empregadoras de todos os tipos também devem se transformar em instituições de aprendizado e ensino.

O conhecimento possui um valor especial hoje como asseguram Penin e Vieira (2002), sendo que cada vez mais se lhe atribui importância, porquanto a maioria dos pais percebe que o melhor a oferecer aos filhos é proporcionar-lhes uma boa formação geral e garantir maneiras de continuar adquirindo mais conhecimento, num processo de educação permanente.

DESENVOLVIMENTO

De acordo com Penin e Vieira (2002), essa nova relação dos indivíduos com o conhecimento traz duas consequências para a escola brasileira:

- A primeira delas consiste no reforço de sua importância social, já que ela ainda é a porta de entrada da maior parte da população para o acesso ao mundo do conhecimento. De fato, enquanto grandes quantidades de informações estão acessíveis, uma grande parcela da população permanece excluída da sociedade da informação.
- A segunda consequência, aliada à perspectiva democratizadora, é a necessidade de a escola repensar profundamente seu modo de organização, sua gestão, sua maneira de definir os tempos, os espaços, os meios e o modo de ensinar, isto é, a forma de fazer escola.

Porquanto se faz necessário formar uma escola a partir de sua função social, qual seja: “ensinar bem e preparar os indivíduos para exercer a cidadania e o trabalho, no

contexto de uma sociedade complexa, enquanto se realizam como pessoas” (PENIN; VIEIRA, 2002, p.27).

Para a escola e as universidades, tais reflexões representam uma oportunidade para reconhecer que as alterações necessárias no sistema educacional devem ser atendidas com rapidez e demandam esforço coletivo de todos os que estão envolvidos no processo de construção educacional, como profissionais, governos e sindicatos, bem como a sociedade como um todo. (ESPEJO *et al.*, 2022).

No entendimento de Santos (2002), a escola, ontologicamente de formação social, necessita acompanhar as transformações da sociedade e assumir outras funções contribuindo, em especial, para o desenvolvimento da capacidade de pensar e de atuar com autonomia e compreender e redefinir os objetivos explícitos e latentes do processo de socialização.

A escola da sociedade pós-moderna tem a função de desenvolver mecanismos que minimizem as diferenças de origem, mediante a atenção e o respeito pela diversidade. (BUIATTI; NUNES, 2022).

A concepção sobre as atribuições da educação e sobre sua função social tem sido bastante debatida. A *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO), instituiu a Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI. (FREITAS; NOVAK, 2020). A educação em seu relatório, a partir de princípios que representam os quatro pilares da educação, a saber: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser (PENIN; VIEIRA, 2002).

- Aprender a conhecer significa obter o domínio dos próprios instrumentos do conhecimento e não somente a aquisição de um vasto repertório de saberes. Esse pilar da educação pressupõe o aprendizado relacionado ao exercício das habilidades cognitivas, como a atenção, a memória e o pensamento mais complexos.

- Aprender a fazer representa a aquisição de uma qualificação profissional e, acima de tudo, a aquisição de competências que tornem a pessoa apta a enfrentar variadas situações e a trabalhar em equipe. Assim, aprender a fazer, engloba o âmbito das diferentes experiências sociais e de trabalho.

A direção da descoberta progressiva do outro e da interdependência quanto à participação em projetos comuns, significa o aprender a conviver.

- Aprender a conviver numa sociedade em que se evidenciam cada vez mais as diferenças entre povos e países. A educação para a convivência é uma exigência impreterível e um caminho para enfrentar as questões postas pela diversidade e pelo multiculturalismo.

Não obstante aos efeitos que a globalização, como internacionalização dos mercados, produz sobre as estruturas, há também a influência da revolução das tecnologias da informação e de comunicação, com a informação chegando à todas as pessoas de forma instantânea.

Este processo é denominado de globalização cultural, que encontra nas transformações das tecnologias de comunicação e nos impactos da mídia os vetores de acesso direto e simultâneo de indivíduos e organizações, separados espacialmente de informações e conhecimentos.

- Aprender a ser, quer dizer contribuir para o desenvolvimento total da pessoa, envolvendo aspectos físicos e mentais, como capacidade de comunicação, sensibilidade, entre outras características.

Para Malachen e Santos (2020) significa o indivíduo aprender a elaborar pensamentos autônomos e críticos, sendo capaz de formular juízos de valor próprios, não negligenciando suas potencialidades individuais.

Para Penin e Vieira (2002), a educação assim concebida, indica uma função da escola direcionada para a realização plena do indivíduo. Tal realização plena do ser humano, seja criança, jovem ou adulto, é obtida por intermédio da convivência e da ação concreta, qualificadas pelo conhecimento.

A construção da escola, com base nos quatro pilares estabelecidos pela UNESCO, demanda uma travessia que geralmente se inicia pela passagem do âmbito dos princípios para o de um projeto pedagógico, e desse, para as práticas e ações dos educadores (PENIN; VIEIRA, 2002).

Ademais disso, colimando as transformações marcantes que perpassam o âmbito da civilização, deve-se ter cuidado especial com a definição dos conteúdos escolares. Eles constituem peça importante para serem colocados sobre os quatro pilares de sustentação da educação. (MAGALHÃES *et al.*, 2019).

Emerge, destarte, que nenhum currículo pode ser fixado por muito tempo, sendo necessário realizar um repensar constante sobre sua contemporaneidade, isto é, sua atualidade e sua adequação ao que está acontecendo na realidade. (LIMA *et al.*, 2020).

Os alunos precisam de conhecimentos que lhes possibilitem um melhor entendimento da sociedade global e uma melhor maneira de conviver e agir em sua comunidade e no local de trabalho (PENIN; VIEIRA, 2002).

Em todo mundo, valorizam-se as potencialidades e responsabilidades individuais. O consumidor é o “rei” com direito a escolher os melhores produtos e serviços e a própria educação, para alguns, torna-se uma escolha pessoal, assegura Santos (2002).

Os autores Dryden *et al.* (1996 *apud* SANTOS, 2002), afirmam que não se pode alcançar os avanços educacionais de que a sociedade necessita, a menos que se realize um investimento cada vez maior em novos métodos de educação e de aprendizagem. Grande parte do que ocorre na educação, baseia-se em conceitos ultrapassados que já não servem para a sociedade globalizada e em constante mudança. (NASCIMENTO; ROSA, 2020).

Dessa forma, urge uma revolução no aprendizado permanente ou na educação continuada para viver mais intensamente a era do conhecimento. Uma revolução alteraria profundamente o modo de viver, pensar, comunicar, prosperar e, em especial, aprender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Requer-se dos educadores e gestores uma nova postura diante do processo ensino-aprendizagem e da educação em geral.

Para Dryden *et al.* (1996, *apud* SANTOS, 2002),

A escola terá de mudar para estimular e preparar os alunos para viver num mundo futuro que será caracterizado por complexidade e incerteza cada vez maiores, conflitos de valores, avanços tecnológicos e interdependência global.

Para Santos (2002), se ressalta que na sociedade industrial ou pós-capitalista predominam as novas tecnologias da informação e do conhecimento.

Entretanto, as escolas nacionais, principalmente as públicas, mantêm o modelo industrial da década de 30, privilegiando a hierarquia e não o trabalho coletivo, participativo, como propõem as novas perspectivas da gestão educacional administrativa.

É preciso também levar em consideração os conhecimentos prévios do aluno, com o objetivo de prepará-lo para pensar e agir de forma democrática.

Ao aceitarmos a classificação prematura dos indivíduos pela origem social, admitimos que alguns possuam mais possibilidades que outros, perpetuando-se, com isso, as elites econômicas e sociais.

Santos (2002, p.22), enfatiza

A mudança é uma constante, a única certeza. O sucesso deve ser conquistado sempre e, bem administrado, evita a acomodação. A escola deve perceber e acompanhar os grandes avanços do conhecimento, as mudanças da clientela escolar, o aumento quantitativo e qualitativo das exigências da nova sociedade globalizada. É preciso saber usar as modernas técnicas de aprendizagem e de ensino e as novas tecnologias.

A gestão escolar tem resistido a todo gênero de mudanças, mantendo sua estrutura estática, fechada, realizando um trabalho apenas burocrático e mecânico. Dessa forma, emerge a necessidade da instituição escolar encarar a mudança como necessidade, e não restringir sua função à mera transmissão de conhecimentos aos alunos.

Ainda prevalece, na gestão educacional, uma cultura que impede e, mesmo afasta qualquer proposta bem elaborada que pretenda reformar o ensino. De acordo com Teixeira (*apud* Santos, 2002), os obstáculos à inovação não devem ser atribuídos aos professores individualmente.

Todavia, devem ter suas bases assentadas nas representações dominantes do senso comum escolar, responsáveis por realizar a organização do quadro institucional da prática do ensino.

As resistências dependem da relação entre a cultura da escola e a proposta de modificação.

Enfim, quando a expectativa de comportamento contida na nova prática política contraria as concepções em que se assenta o modo de vida da escola, uma mudança geralmente é recebida com suspeita e relutância pelo corpo educacional.

REFERÊNCIAS

BUIATTI, V. P.; NUNES, L. G. A. Cotas para pessoas com deficiência na Universidade Federal de Uberlândia (UFU): política de inclusão no ensino superior. **Revista Educação e Políticas em Debate**, v. 11, n. 1, p. 325-345, 2022.

DOURADO, L. F.; SIQUEIRA, R. A arte do disfarce: BNCC como gestão e regulação do currículo. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, v. 35, n. 2, p. 291-306, 2019.

DRUCKER, P. F. **O melhor de Peter Drucker: a sociedade**. São Paulo: Nobel, 2001.

ESPEJO, M. M. S. B.; SILVA, S. D.; YAHIRO, A. A.; VENDRAMIN, E. O. A vivência na pós-graduação à luz de Vigotski: o que dizem e sentem os alunos de ciências contábeis?. **Enfoque: Reflexão Contábil**, v. 41, n. 2, p. 23-41, 2022.

FREITAS, S. C.; NOVAK, M. S. J. UNESCO e a diversidade cultural: breves aproximações. **Revista Sítio Novo**, v. 4, n. 4, p. 124-132, 2020.

LIMA, M. C.; AZEVEDO, S. D.; NASCIMENTO, A. L. R. Currículo e práticas docentes durante a pandemia de 2020. **Itinerarius Reflectionis**, v. 16, n. 1, p. 01-20, 2020.

MAGALHÃES, A. M. R.; OLIVEIRA, P. R. M.; ANDRADE, A. B. P. Valorizando experiências de ensino aprendizagem em Teoria da Percepção no curso de Artes Visuais: um estudo de caso. **Actas de Diseño**, n. 26, 2019.

MALANCHEN, J.; SANTOS, S. A. Políticas e reformas curriculares no Brasil: perspectiva de currículo a partir da pedagogia histórico-crítica versus a base nacional curricular comum e a pedagogia das competências. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 20, p. e020017-e020017, 2020.

NASCIMENTO, F. G. M.; ROSA, J. V. A. Princípio da sala de aula invertida: uma ferramenta para o ensino de química em tempos de pandemia. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 6, p. 38513-38525, 2020.

PENIN, S.; VIEIRA, S. L. Refletindo sobre a função social da escola. *In*. VIEIRA, S. L. (org.) **Gestão da escola: desafios a enfrentar**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SANTOS, C. R. **O gestor educacional de uma escola em mudança**. São Paulo: Thonsom, 2002.

SANTOS, A. M. Universidade e modificação organizacional: do modelo burocrático à organização intensa de conhecimento. **Revista GUAL**, v. 5, n. 1, p. 1-27, 2012.

SILVA, S.; FRAGA, N. Autonomia e flexibilidade curricular como instrumentos gestionários. O caso de Portugal. **Reice. Revista Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación**, v. 19, n. 2, p. 37-54, 2021.